



No Colégio Albert Sabin, professores passam o dia tentando ajustar o quadro de horários em função da falta de profissionais

# Reengenharia na educação

## ■ Sem mestres, escolas refazem seus horários

A escola estadual Doutor Albert Sabin, em Campo Grande, poderia ser uma privilegiada da Secretaria Estadual de Educação. Localizada no mesmo terreno da Agência Regional de Educação V — que centraliza as informações sobre as escolas estaduais de Marechal Hermes a Barra de Guaratiba — a direção da instituição troca diariamente informações com este órgão e fornece boletins sobre a situação de funcionamento da escola. Apesar disso, faltam professores de Português, Matemática, Química, Física, Geografia, Espanhol e Educação Física. Das 16 turmas do colégio, apenas oito têm o horário completo, e, para todas as turmas, em três turnos, há apenas uma professor de Física.

O problema, segundo a direção, poderia ser resolvido se a Secretaria de Educa-

ção autorizasse a contratação de professores em Regime Especial de Trabalho (RET). Nos últimos anos, a maioria dos funcionários abandonou a escola, mediante aposentadoria ou exoneração. Até o ano passado, porém, foi possível contornar a situação graças aos professores de outras áreas ou da própria escola que lecionavam em RET — dobrando horário de trabalho. “A Secretaria anunciou que o RET está de volta, mas ainda não autorizou a contratação de professores”, explica a diretora do colégio, Jamile Alen, que já tem os 42 funcionários que faltam em fila de espera, aguardando apenas a autorização da secretaria.

**Contabilidade** — Na tarde de ontem, professores da escola tentavam, 22 dias depois do início do ano letivo, reorganizar o quadro de horários das turmas. “É um trabalho de reengenharia. Planejamos as aulas e, agora, sem professores, temos que replanejar, deslocando professores e diminuindo cargas horárias. Um professor para cada 13 alunos, como diz

o governador é uma piada. Em todas as escolas faltam profissionais. Onde está o resto. Só na contabilidade das autoridades”, diz a diretora adjunta, Sirléia Silva Reis. Com essa reengenharia educacional, as turmas de primeiro ano estão com as aulas reduzidas à metade.

**Protestar** — “Em vez de três horas de Matemática, como estava previsto, só temos duas, porque o professor precisa atender a várias turmas”, conta a aluna Patrícia Melo dos Santos, de 18 anos, que cursa a 2ª série do Científico. A falta de professores deixa cada vez mais distante o sonho do Vestibular. “Como é que estaremos preparados sem aulas de Português, Matemática e Física?”, reclama Patrícia Melo. Revoltados, alunos de Campo Grande, Santa Cruz e de bairros vizinhos, organizaram uma manifestação na manhã de ontem para protestar contra a falta de professores. “Talvez assim as autoridades percebam o que está acontecendo com o ensino público”, disse uma estudante.